

Módulos de Formação opcionais

- ANI 1041 ANIMAÇÃO DE ADULTOS
ANI 1101 ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO
DE JOVENS DEFICIENTES
ANI 1102 COEDUCAÇÃO (6 AOS 10 ANOS)
ANI 1103 COEDUCAÇÃO (11 AOS 17 ANOS)
ANI 1104 JOVENS EM DIFICULDADE
ANI 1105 EDUCAR HOJE
ANI 1107 GRANDES JOGOS
ANI 2006 AGENTE DE DESENVOLVIMENTO
ESPIRITUAL
- ESO 1201 SÍMBOLOS E TRADIÇÕES
ESCURTISTAS
ESO 1202 ESCUTISMO INTERNACIONAL
ESO 1203 ESCUTISMO E MEIO AMBIENTE
ESO 1204 ESCUTISMO E OS PAIS
- GES 1302 ORGANIZAÇÃO DE UMA GRANDE
ACTIVIDADE
GES 1303 GESTÃO DE CONFLITOS
ENTRE ADULTOS
GES 1304 MATERIAL E EQUIPAMENTO
COLECTIVO
GES 1305 RECONHECIMENTO DO
VOLUNTARIADO
GES 1306 PLANO DE ACÇÃO LOCAL - P.A.L.
GES 2012 FINANCIAMENTO 2
- TEC 1045 COMUNICAÇÕES E JOTA / JOTI
TEC 1401 ACAMPAMENTO DE VERÃO
TEC 1403 PUBLICIDADE
TEC 1404 EXPRESSÃO
E FOGO DE CONSELHO
TEC 1405 SOCORRISMO
TEC 1406 ORIENTAÇÃO (CARTA TOPOGRÁFICA
E BÚSSOLA)
TEC 1408 PUBLICAR UM JORNAL ESCURTISTA
TEC 1409 NATUREZA: FAUNA E FLORA
TEC 1410 PIONEIRISMO E FROISSARTAGE
TEC 1411 FALAR EM PÚBLICO
TEC 1412 ESCUTISMO MARÍTIMO

Formação Modular

EDUCAR HOJE

ANI 1105

**Primeira edição
Setembro de 1999**



**Centro de Formação de Dirigentes do C.N.E.
Vale da Ursa - Serpins
Região de Coimbra**

EDUCAR HOJE

Objectivo geral

Conhecer e compreender adequadamente os conceitos de educação e de educação escutista, ficando em condições de poder posteriormente aprofundá-los.

Objectivos específicos

1. Dar uma definição de educação.
2. Abordar a educação escutista num contexto histórico e mundial.
3. Resumir as grandes correntes educativas do princípio do século XX.
4. Explicar o papel do educador escutista.

Conteúdos

1. A educação através dos séculos¹

Para definir o que é *educar hoje*, é necessário inicialmente saber o que queria dizer *educar ontem*. Efectivamente, será interessante ver como é que o conceito de educação evoluiu através dos séculos. Apresentaremos, de seguida, uma breve revisão das principais correntes educativas que prevaleceram no mundo ocidental depois da Antiguidade.

A educação reflectiu sempre, e antes de mais, a imagem que a sociedade tinha da criança, da sua capacidade de aprender, da sua natureza, do papel que era esperado que ela desempenhasse, mas também a imagem que tinha do mundo e da humanidade em geral. Independentemente da época, a educação teve sempre a função de responder às necessidades da sociedade e de preparar os jovens para a integração na mesma.

Na Antiguidade

Os primeiros sistemas educativos remontam ao séc. IV a.C.. Deles podemos encontrar sinais no Egipto, na Índia e na China. Contrariamente às duas primeiras civilizações que reservavam a educação para as classes superiores, a educação na China era acessível a todos, em grande parte graças ao contributo

dos filósofos Lao-tsu, também conhecido por Laozi, pai do Taoísmo, e Confúcio, autor do cânone: «transmito, não inovo».

As prioridades em matéria de educação diferiam de uma civilização para a outra. Na China, relevava a poesia, a filosofia e a religião enquanto que no Egípto a primazia era dada às ciências (matemáticas, astronomia e medicina). Na Índia, esta apoiava-se principalmente nos textos sagrados, enquanto que na Pérsia a formação militar precedia os conteúdos intelectuais. Para os Hebreus, o Talmude (compilação de doutrinas e preceitos pré-bíblicos, atribuída ao rabi Judá Hakkadosch, cerca de 200 d.C.) era a base da aprendizagem da leitura, da escrita e da história de todo o povo judaico.

Quanto à civilização grega, fortemente influenciada por Sócrates e Aristóteles, ela privilegiava as qualidades cívicas, o despertar do sentido estético, a filosofia e o desenvolvimento físico. Em Roma, apesar da influência dos mestres gregos, as aprendizagens promovidas eram a administração, o direito, a política e a arte da guerra.

Na Idade Média

Na Idade Média, assiste-se à ascensão do cristianismo em quase toda a Europa. Santo Agostinho e São Jerónimo tentariam preservar a herança greco-romana adaptando-a às doutrinas cristãs. A educação torna-se, então, monopólio das autoridades religiosas.

É a partir do século IX que o poder contemporâneo, com Carlos Magno, abraça a importância da educação. Muitas escolas vieram a ser criadas, mas seriam reservadas exclusivamente às classes mais elevadas da sociedade. Todavia, múltiplas associações tomariam para seu encargo a formação profissional, mais acessível aos menos afortunados e, nas cidades mercantis, algumas pequenas escolas começariam a prestar uma educação mais rudimentar.

No tempo do Renascimento

Com o Renascimento, assiste-se a uma ascensão do humanismo. Os defensores desta filosofia, de entre os quais se destacam Francesco Petrarca, Erasmo de Roterdão e Michel Montaigne, estavam de acordo no que respeita à grande importância atribuída ao Homem, à observação da natureza e à experiência, o que para a época constituía uma inovação no mundo da Educação.

A Reforma e a doutrina protestante, lançadas por Martinho Lutero, conduziram ao desenvolvimento de uma educação popular e delegariam no Estado a responsabilidade de instruir o povo. Para contrariar a ascensão de Protestantismo, a Companhia de Jesus (ou os Jesuítas), fundada em 1534 por Santo Inácio de Loyola, começava a ministrar nas escolas uma educação muito selectiva. Entre os primeiros votos jesuítas encontrava-se o português Simão Rodrigues. Durante 150 anos, os Jesuítas dominaram o ensino europeu e contribuíram para a evangelização nos países de missão.

Século XVII: o século de ouro

O século XVII seria marcado por rápidos progressos no domínio das ciências. No entanto, o conhecimento científico penetraria com dificuldade nos estabelecimentos de ensino da época, em grande parte devido ao conservadorismo que neles imperava.

Não obstante, numerosos pensadores, entre os quais Descartes, contribuiriam para o desenvolvimento do pensamento lógico e insistiriam na importância de nos debruçarmos sobre os factos e sobre os dados obtidos por experimentação mais do que sobre os livros. Mas aquele que viria a ser considerado o maior pedagogo do século XVII seria Jan Amos K. Comenius (1592-1670), de cujas cerca de duzentas obras a *Didactica Magna* (1657) é talvez a mais célebre e conhecida. A democratização do ensino, a educação permanente, a educação dos débeis mentais, a emancipação da mulher, o ensino das coisas concretas e a educação activa e pelo interesse do aluno, são recomendações de impacto actual que fazem de Coménio «o primeiro evangelista da pedagogia moderna», como foi chamado por Michelet ².

Paralelamente, os outros continentes, através da colonização, começavam a receber a influência da educação europeia.

No tempo do Iluminismo

O século XVIII consagraria as ciências e a tecnologia. Mas o facto mais proeminente deste século seria o contributo de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Este último sustentaria a hipótese de que «o Homem é naturalmente bom, a Sociedade é que o corrompe» através da ciência, das artes e das instituições sociais. Defendia ainda que o estado natural é moralmente mais elevado que o estado civilizado. No «Emílio», Descartes expõe todo o seu ideal pedagógico, baseado na Natureza e no desenvolvimento da aptidão da criança, sem qualquer recurso à coacção ou à violência. Entre a educação de Emílio e a de Sofia (simbologia da educação feminina) há grandes diferenças. À mulher basta um mínimo de educação e no convento, como era costume na época. Para Rousseau, a mulher não foi feita senão para obedecer aos homens, primeiro a seus pais e depois a seu marido. Os seus princípios ideológicos fundados na expressão livre da criança valer-lhe-iam uma ordem de prisão pelo Parlamento de Paris que o obrigaria a refugiar-se na Suíça. A sua terra natal - Genebra - acabaria também por condená-lo ao exílio. Em toda a sua expressão, a sua teoria influenciaria largamente os pioneiros da educação moderna.

Sistemas educativos e escolas confessionais

Os sistemas educativos, tal como os concebemos hoje, seriam instaurados no decorrer do séc. XIX. Por toda a Europa, a Igreja conserva a acentuada influência sobre as escolas, mas o princípio que serve de fundamento às escolas confessionais viria a ser posto em causa no decorrer dos sécs. XIX e XX, como veremos.

A educação das raparigas

Através dos séculos, a história da educação das raparigas acompanhou a evolução das culturas, reflectindo as mudanças de atitude e os estereótipos sociais em vigor em função das épocas. Parece que terá sido Platão o primeiro defensor da igualdade dos sexos perante a cultura.

« - Vês, portanto, meu caro amigo, que num Estado não há propriamente profissões próprias do homem ou próprias da mulher, em razão do seu sexo; mas que, tendo a natureza distribuído as mesmas faculdades entre os dois sexos, todos os empregos pertencem em comum a ambos... ³

Ainda assim, e durante muito tempo, esta pretensão pareceu utopia.... Infelizmente, outros se seguiriam e defenderiam o conceito de uma educação reservada exclusivamente aos rapazes.

Na Roma Antiga, as raparigas tinham acesso à educação, mas esta prevalecia distinta daquela que era recebida pelos rapazes. A educação das raparigas desenvolvia-se no seio da família em ambiente de severa disciplina doméstica com vista à formação da esposa de amanhã, guardiã do lar e da mãe que mãe que cuida, repreende e castiga os filhos. Só depois da conquista da Grécia e da adopção do seu sistema educativo, é que seria introduzido em Roma o costume de fazer as raparigas partilhar as classes dos rapazes.

A Idade Média e os primeiros cristãos perpetuaram esta situação até à Reforma protestante (séc. XVI). Com efeito, seriam os protestantes a empenhar-se mais tarde na criação de escolas destinadas a todas as crianças, rapazes e raparigas de todas as classes sociais, e isto em particular, desde o final do séc. XIX.

Por seu lado, os católicos teriam que esperar pela famigerada Lei Guizot (François Guizot, 1787-1874; cuja recusa às reivindicações liberais desencadearia a revolução de 1848), editada em França em 1833, que obrigava todas as comunidades com mais 800 habitantes a abrir uma escola primária para rapazes e outra para raparigas.

Apesar de, em teoria apenas, a Igreja sempre ter encorajado uma educação básica gratuita para as crianças de todas as classes sociais (Concílio de Trento, séc. XVI), foi, portanto, necessário esperar pelo pós-Revolução Francesa para que a educação se tornasse verdadeiramente obrigatória, gratuita e laica (cf. Lei Ferry, 1880; de Jules François Camille Ferry, 1832-1893; dissolve muitas instituições religiosas ligadas ao ensino e organiza o ensino primário laico e obrigatório; morreu vítima de um atentado).

Em Portugal

A primeira escola em território português, de que há notícia, foi fundada no séc. XI por D. Paterno, junto da Sé de Coimbra. Seguem-se-lhe as fundadas junto das Sés de Braga e de Lisboa e os Conventos de Santa Cruz de Coimbra e de Alcobaça e a Colegiada de Guimarães.

Foi ainda em plena época medieval que a Universidade que hoje existe em Coimbra foi pelo rei D. Dinis ratificada (em 1290), começando, todavia, a funcionar em Lisboa. Por iniciativa dos Reis de Portugal a Universidade foi diversas vezes deslocada: em 1308, D. Dinis transferiu-a para Coimbra; em 1338, D. Afonso IV mandou-a regressar a Lisboa, mudando-a novamente para Coimbra em 1354; em 1377, D. Fernando levou-a, mais uma vez, para a capital, onde se conservou até à reforma de D. João III, que em 1537, a instalou definitivamente em Coimbra

Lançada por essa altura para fazer face à Reforma Protestante, a Contra-Reforma só viria a ter algum relevo pedagógico depois de criada a Companhia de Jesus, sobretudo ao nível do ensino secundário. A necessidade de fundação de colégios para formação dos futuros jesuítas fez também aparecer estabelecimentos de ensino abertos a leigos - os famosos colégios dos Jesuítas. Foi em Goa, hoje ex-colónia portuguesa (1542), por iniciativa de S. Francisco Xavier, que se criou a primeira escola, destinada ao ensino dos filhos dos convertidos. Seguiu-se-lhe o Colégio de Messina (1548) e o Colégio Romano (1550), ambos em Itália. No curto lapso de seis anos, a fundação de trinta e três externatos, entre os quais o de Santo Antão, em Lisboa (1553), e o do Espírito Santo, em Évora, instituído Universidade em 20 de Setembro de 1558.

Em Coimbra, havia já sido fundado, em 1542, o Colégio de Jesus (actual Sé Nova e edifícios circunjacentes), reservado apenas à formação de membros da Ordem e de futuros missionários, sendo o primeiro que a Companhia instituiu com esta finalidade. Ainda em Coimbra, em 1555, foi instaurado o Colégio das Artes (inicialmente sito na Rua da Sofia e, mais tarde, em parte dos velhos edifícios dos Hospitais da Universidade), que André de Gouveia (convidado por D. João III, depois de ter orientado já colégios em Paris e Bordéus) inaugurara em 21 de Fevereiro de 1548 segundo os princípios do humanismo cristão, mas que teve de entregar à Companhia de Jesus (que tentava travar todas as tentativas de inovação «ortodoxa»), ficando esta com todo o monopólio do ensino secundário. O Colégio das Artes conheceu o seu fim com a expulsão dos Jesuítas, em 1759, ano em que o próprio Marquês de Pombal extingue também a Universidade de Évora ⁴.

A reforma do ensino começou pelos «estudos menores» para os quais foi criado um corpo de «professores régios», em substituição dos mestres predominantemente eclesiásticos e até mesmo jesuítas. Esta reforma pombalina manifestava sobretudo interesse pelas ciências da natureza e pelas ciências de rigor.

D. João IV cria mais tarde à margem da Universidade, em Lisboa e no Porto, novas escolas «médió-superiores» e, em 1794, a Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino, com o objectivo de fiscalizar a instrução pública. Após a revolução de 1820, é consagrado pela primeira vez o princípio da escolaridade mínima obrigatória, pela reforma de Fonseca Magalhães. Já no decorrer dos últimos anos do séc. XIX e dos primeiros do séc. XX, acompanhando o crescendo dos ideais republicanos, surge a consciência da necessidade de reestruturar o ensino em geral. Foi isso que procurou levar a efeito a diversa legislação surgida depois de 1910.

À medida que a República se ia desmoronando, iam morrendo os sonhos da revolução cultural e em breve o regime democrático dava lugar à ditadura, que surgiu após o movimento de 28 de Maio de 1926, e depois ao «Estado Novo». No Governo de Salazar seriam criadas as condições para transformar as instituições de educação em extensões do aparelho do regime.

Com o 25 de Abril de 1974 inicia-se um novo período da vida portuguesa e, portanto, também das escolas de Portugal.

Embora a reforma Veiga Simão (Lei n.º 5/73) previsse já algumas novidades a introduzir no sistema educativo no sentido de dar resposta às pressões sociais e culturais crescentes, só quase quinze anos depois é publicada a nova Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86, de 14 de Outubro). Leia-se o n.º 2 do art.º 2º da actual Lei de Bases do Sistema Educativo: «É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efectiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.»

A educação "activa" e os seus pioneiros

O início do séc. XX seria marcado pela realização de numerosas investigações em educação e pelo advento de uma nova corrente pedagógica que proclama a participação activa da criança na sua própria formação. Esta *Educação Nova* tem como principais pilares alguns princípios simples, a saber:

- considerar a criança activa;

- partir dos seus centros de interesse da criança,
- promover a cooperação em vez da competição,
- privilegiar a descoberta em vez da palestra expositiva,
- ter em consideração o ritmo de desenvolvimento da própria criança.

Segue-se uma curta apresentação dos mais célebres pioneiros desta *Educação Nova*.

John DEWEY (1859 - 1952). Com pouco mais de 35 anos, este filósofo e pedagogo americano, professor da Universidade de Chicago, fundaria a sua própria *escola-laboratório* - a University Elementary School, onde tentaria pôr em prática e experimentar as suas ideias pedagógicas. Consagrado naturalista, preconizava a acção, as necessidades e a liberdade da criança contrapondo a motivação individual à autoridade e à disciplina. Como bom pragmatista e sociologista defendia o *learning by doing*, aprender fazendo, e portanto os métodos activos, os trabalhos manuais e a interacção e inter-comunhão social, em que o educador «não é mais o *patrão* ou o *ditador* mas o director de um grupo de actividades»⁵. Algumas obras: *My Pedagogic Creed* (1897), *The School and the Society* (1900), onde expõe os seus princípios pedagógicos, *Democracy and Education* (1916), *The Sources of a Science of Education* (1929), *Education Today* (1940).

Célestin FREINET (1896-1966). Pedagogo francês, largamente influenciado por Dewey e Makarenko. Impedido por uma doença pulmonar de desempenhar as suas funções docentes, transformou a escola da sua aldeia numa pequena tipografia na qual os próprios alunos imprimiam os livros de aula e de leitura; assim nasceu o chamado *método Freinet*, que se desenvolveu com outras técnicas no espírito de uma pedagogia cooperativista; deu origem ao Movimento Escola Moderna (1920-1940), organização pedagógica de carácter laico e orientação marxista, que nasce em França ligada à Cooperativa de Ensino Laico (também fundado por ele), e que entretanto se difundiu por quase todo o mundo. Principais obras: *L'Imprimerie à l'école* (1947), *Plus des manuels scolaires* (1947), *L'éducation du travail* (1947).

Friedrich FROEBEL (1782-1852). Descobriu o seu interesse e vocação para a actividade pedagógica em 1805, quando trabalhou como professor numa escola de Frankfurt onde eram seguidos os métodos de Pestalozzi, vindo depois a permanecer dois anos em Yverdon junto do próprio, estudando os seus métodos. Precisou os seus estudos para a educação da infância em breves passagens pelas universidades de Gotinga (1811) e de Berlin (1912). No ano de 1816, inspirado na Escola Materna de Comenius, abre em Griesheim o Instituto Geral de Educação, que em 1817 transferiu para Keilhau. Em 1837 cria em Blankenburgo uma obra pioneira, o Instituto para Educação da Criança, que, a partir de 1840, passa a designar por «jardim de infância»; foi entretanto acusado de aí ministrar uma educação de orientação socialista e irreligiosa, o que lhe valeu o seu encerramento. Reconstituiu mais tarde o seu *kindergarten* no Castelo de Marienthal. Froebel foi um precursor da escola activa: para ele, a acção é o antecedente natural e obrigatório do pensamento, sendo a finalidade da educação a estimulação da actividade do educando segundo objectivos desenvolvimentistas. Para Froebel, na criança a actividade manifesta-se espontaneamente através do jogo; criou seis instrumentos de jogo que são a base do seu método pedagógico. A sua obra escrita fundamental é *A educação do Homem* (1826).

Anton Semenovitch MAKARENKO (1888-1939). Pedagogo e escritor soviético. Envolvido na nova sociedade que surge após a revolução de 1917, foi encarregue de organizar uma colónia para jovens menores

delinquentes em 1920. Dirigiu depois, até 1935, a Comuna Dserzkinski, para crianças abandonadas. Makarenko insistia particularmente sobre a importância do trabalho colectivo e sobre a responsabilização do indivíduo. Contrariamente a outras correntes onde a incidência era sobre a liberdade da criança, Makarenko acreditava que o desenvolvimento da personalidade da criança devia ser dirigida e controlada pelo educador (professor).

Maria MONTESSORI (1870-1952). Médica e pedagoga italiana. É a autora de um método destinado a facilitar o desenvolvimento das crianças. Acreditando que não há educação que não seja auto-educação, concebeu uma série de materiais didácticos que, através da manipulação e através do jogo e do domínio da sua natureza, funcionavam como instrumentos propiciadores dos estímulos. (*Pedagogia Científica*, 1909).

Alexander Sutherland NEILL (1883-1973). Pedagogo britânico, promoveu uma corrente pedagógica, baseada na psicanálise, que apela à liberdade do educando como alternativa superiormente válida à repressão tradicionalmente aplicada. Escreveu, entre outros, *The Free Child of Summerhill* (1960).

Jean PIAGET (1896-1980). Considerado como o mais eminente psicólogo do desenvolvimento de todos os tempos, deixou vasta e notável obra dedicada ao estudo da génese na criança de um grande número de conceitos científicos (tempo, velocidade, número, relação, causalidade, substância, peso, volume, etc.). É considerado, por isso, o fundador da *epistemologia genética*. Toda a pesquisa empírica e reflexiva de Piaget procura ser uma resposta ao que ele chamou os dois grandes mistérios do conhecimento: *a)* como é que, durante o seu desenvolvimento, a pessoa constrói formas de pensar e conhecer cada vez mais potentes e organizadas de um ponto de vista qualitativo (saber melhor, não apenas saber mais); *b)* como é que, durante esse mesmo processo, a pessoa chega a conhecimentos que não são apenas verdade (conhecimento verdadeiro, como $2 + 3 = 5$), mas que não podem ser senão verdade (conhecimento necessário, como é o caso da soma de dois mais três não poder ser senão cinco). A resposta à primeira questão levou Piaget à descoberta de quatro *estádios* de desenvolvimento cognitivo que envolvem outras tantas formas distintas de inteligência: o bebé que atira a roca contra o chão para lhe ouvir o ruído manifesta inteligência *sensório-motora*; a criança que chama rosa a uma flor, sem compreender, contudo, que há mais flores do que rosas, revela inteligência *pré-operatória*; mostra inteligência *operatória concreta* quando já compreende que tem de haver mais flores do que rosas; e o adolescente ou adulto revela inteligência *operatória formal* quando, por exemplo, depois de aceitar que todas as rosas são flores, infere que, não sendo rosas, então também não são flores. Além disto, Piaget considerou que o desenvolvimento da criança depende da sua maturação neural, da sua experiência com as coisas (experiência física), da sua relação com os outros (experiência social), e sobretudo da sua permanente actividade de aplicar à realidade ideias que já desenvolveu - *assimilação* - e de as modificar em dialéctica permanente entre assimilação e acomodações - a que Piaget chama *equilibração* - que é o responsável primeiro pelo desenvolvimento psicológico e pela adaptação activa da pessoa ao seu meio e problemas que ele coloca. Uma das marcas mais genuínas de Piaget é o aspecto *construtivista* da sua teoria. Para ele, no princípio de todo o desenvolvimento está a acção do sujeito (construtivismo psicológico); conhecer é agir sobre a realidade e transformá-la, não formar apenas representações mentais a seu respeito (construtivismo pedagógico); e a pessoa é o responsável primeiro pelo seu desenvolvimento e aprendizagem (construtivismo existencial). Entre os seus livros mais famosos, contam-se: *O Nascimento da Inteligência na Criança* (1936), *Génese do Número na Criança* (1941), *Conservação das Quantidades Físicas na Criança* (1941), *Introdução à Epistemologia Genética* (1950), e *Para Uma Lógica das Significações* (1987).

A estes nomes célebres poderemos concertar o de Robert Baden-Powell, o fundador do escutismo, cuja inovação em matéria de educação coincidiu com o advento das grandes correntes pedagógicas do início do século XX.

2. Os princípios pedagógicos do escutismo

Tudo leva a crer que Baden-Powell, antes de fundar o escutismo, não tinha um real conhecimento dos movimentos pedagógicos que emergiam na Europa no início do século. Não existe nenhum sinal que foi influenciado por eles ⁶. Poderemos razoavelmente acreditar que a evolução social que a Europa conheceu até lá preparou o terreno para a chegada dessas novas abordagens em matéria de educação e que, simultaneamente, numerosos pensadores chegaram, por diversos caminhos, à mesma encruzilhada.

Não obstante o facto de B.-P. ter efectivamente travado conhecimento com Maria Montessori, muito depois dele ter elaborado o seu método. Ele escreveu aliás, após esse contacto: "Esta maneira de educar (o escutismo) aproxima-se muito do sistema da doutora Montessori". Mais tarde, numa reedição do *Auxiliar do Chefe-Escuta*, ele cita as palavras da "doutora" em questão: "A educação (dos boy-scouts) é a sequência natural daquela que dou às crianças" ⁷.

"Não foi o primeiro a defender a educação de jovens ao ar livre, através da prática do desporto, observação e prestação de serviços a outras pessoas. Numerosos educadores profissionais, desde Montessori a Freinet, através de Claparède e Bovet, haviam, separadamente, descoberto as vantagens da auto-educação em oposição aos métodos convencionais de ensino. Entretanto, B.-P. foi o primeiro a traduzir alguns aspectos da sua própria vida e experiências para um modelo pedagógico e apresentá-los, de uma maneira simples, prática e acessível a todos, especialmente aos jovens" ⁸.

Uma pedagogia enraizada na experiência

Sabemos que foi durante o seu serviço militar que B.-P. começou a reflectir sobre a *fraqueza da educação inglesa*, ao constatar, através do contacto com os povos autóctones de África e da Índia, que os jovens militares, colocados sob a sua responsabilidade, não estavam preparados para a vida nas colónias do Império.

Por outro lado, foi chamado a formar numerosos jovens de raças e culturas diferentes, aos quais a abordagem britânica não lhes interessava. Teve de dar provas de uma grande capacidade de adaptação.

Em 1919, escreveu: "A função do Chefe-Escuta - é puxar por cada rapaz, descobrir-lhe as aptidões, e depois aproveitar-se do que nele há de bom e desenvolvê-lo, com exclusão do mal. Há cinco por cento de bem até no pior dos caracteres. O que é interessante é descobri-lo, e depois desenvolvê-lo até atingir 80 ou 90 por cento. Isto é educação, em vez de instrução do espírito juvenil" ⁹.

A fonte principal do método escutista foi sem dúvida a vida e a experiência do seu fundador. A originalidade de B.-P. foi a de apresentar as suas ideias sobre educação de maneira simples, prática e acessível a todos, especialmente aos jovens.

Os seus primeiros escritos, destinados a treinar homens para a guerra, não serviam para a sua nova intenção que era a de um livro para o hoje e o amanhã, com o objectivo de desenvolver os jovens para a paz. De qualquer maneira, habilidades como a de seguir pistas, aproximação e observação e outras técnicas de reconhecimento, poderiam ser facilmente enquadradas nos seus novos conceitos. É em 1906, durante uma viagem no Egipto, que termina a redacção dum resumo do seu programa escutista.

"As ideias eram singularmente originais, para a época, porque defendiam a formação de cidadãos íntegros, através do auto-desenvolvimento. Pessoas jovens operariam, em pequenas patrulhas compostas por seis integrantes cada, sob as ordens de líderes por eles próprios escolhidos, e assumiriam a responsabilidade da sua própria educação, sob supervisão de voluntários adultos. Era um tempo em que o educador suíço Claparède estava fazendo a espantosa asserção que "a autoridade suprema para educar uma criança deve ser a própria criança" ¹⁰.

O acampamento experimental de Brownsea e a adaptação do escutismo às necessidades actuais

Antes de publicar o seu livro, o pedagogo autodidacta desejou testar o seu programa. É com este espírito que recrutou um vintena de rapazes e desembarcou na Ilha de Brownsea. B.-P. desejava saber se o seu método, ainda num estado teórico, iria resistir à prática. A experiência foi um sucesso absoluto. "O acampamento em Brownsea foi levantado no dia 9 de Agosto. A história real do escutismo tinha começado" ¹¹.

Na sequência, os sucessores de B.-P. preocuparam-se em adaptar o escutismo às necessidades actuais. A Organização mundial do movimento escutista definiu uma orientação clara favorecendo a evolução do escutismo original em "um movimento popular que, embora permanecesse fiel aos princípios morais e espirituais, e aos métodos educacionais definidos pelo Fundador, fosse mais capaz de responder às aspirações da juventude moderna, em todos os países" ¹².

A educação escutista tem evoluído para responder às necessidades das nossas sociedades modernas. Se as correntes pedagógicas do início do século quase nada influenciaram a sua criação, o mesmo não se pode dizer das adaptações que se seguiram. O Movimento escutista, por intermédio do Bureau mundial, constituído por profissionais constantemente alimentados por estudos e investigações nos domínios mais diversos, não continuou surdo às mais recentes descobertas em matéria de pedagogia, de psicologia e sociologia. Os grandes temas como a coeducação, a educação para o desenvolvimento e a sensibilização para os problemas ambientais, para não citar outros, tiveram repercussões importantes na evolução do Movimento.

3. O que é educar?

Uma definição de educação

A educação é um processo inerente a todas as sociedades humanas. Poderíamos até discutir se entre os animais, ou alguns deles, não existem procedimentos semelhantes que impliquem o desenvolvimento de potencialidades, em interacção com outros indivíduos da espécie - uma espécie de aprendizagem. Durante muito tempo postulou-se uma diferença radical entre o homem e o animal, mas hoje todas as evidências apontam para um *continuum* envolvendo todas as formas de vida. É isso que leva a pensar

que provavelmente é possível encontrar em algumas espécies formas de adaptação ao meio que resultam mais de um tipo de aprendizagem do que da hereditariedade.

Mas se, em relação aos animais, a educação é uma mera hipótese, em relação ao homem é um facto incontestável e incontestado. Em qualquer tempo e lugar, onde quer que haja um grupo humano, encontramos procedimentos de formação tendentes a transmitir às jovens gerações valores, saberes, aptidões, testados e aprovados. Esses valores, saberes e aptidões caracterizam e, portanto, distinguem essas diferentes culturas.

Os objectivos educativos do escutismo

"O escutismo não pretende instruir. O Escutismo quer ser um meio de educação" ¹³. Ele pretende ajudar os jovens a encontrar as respostas às questões que a vida coloca. Daí a importância dada à formação do carácter, o que quer dizer que perante um obstáculo ou em face de uma escolha, o jovem deverá avaliar a situação, criar uma opinião e decidir quais os meios a obter para atingir os objectivos. Deve de seguida passar à acção e dar provas de tenacidade.

"Nada disto se aprende nos livros, o que não significa que os conhecimentos teóricos sejam inúteis. Mas se a instrução tem por fim adquiri-los, a educação propõe que os utilizemos com uma certa arte de viver. Cada indivíduo tem em si os germens, os dinamismos daquilo que é chamado a ser, do homem que pode vir a ser. A educação consiste em criar à sua volta condições tais que o façam assumir as situações que lhe permitam desenvolver-se. Os dinamismos dum ser nem sempre são visíveis. Cabe, pois, ao educador descobri-los, fazê-los frutificar para que se desenvolvam ao máximo e cada um possa atingir o seu pleno desabrochar" ¹⁴.

A compreensão de si, dos outros e do mundo

A educação contribui para formar a capacidade de decisão, a compreensão de si próprio, a compreender os outros e o mundo que nos rodeia.

Face à complexidade crescente dos fenómenos mundiais (interdependência planetária, acesso à informação na auto-estrada electrónica, mundialização dos mercados...) os adultos do amanhã deverão não somente adquirir um grande número de conhecimentos, mas deverão também ser capazes de relativizar a quantidade de informação que irão dispor, fazer as ligações e desenvolver o seu sentido crítico.

Para compreender os outros, o seu meio de vida, é preciso conhecê-los e respeitá-los. É por isso que falamos de tempos a tempos de educação para a tolerância. Por outro lado, para compreender os outros e tolerar as suas diferenças, é necessário conhecer-se a si próprio.

"A responsabilidade de educação a este respeito é por si só essencial e delicada, na medida em que a noção de identidade se presta a uma dupla leitura: afirmar a sua diferença, reencontrar os fundamentos da sua cultura, reforçar a solidariedade do grupo podendo constituir para todo o indivíduo uma tentativa positiva e libertadora; mas, mal compreendida, este tipo de reivindicação contribui igualmente para tornar difíceis e mesmo impossíveis, o encontro e o diálogo com o outro. A educação deve desde o início tornar o indivíduo consciente das suas raízes, afim de que ele possa dispor de referências permitam situar-se no mundo, e aprender a respeitar as outras culturas" ¹⁵.

Se o respeito pelas diferenças culturais deverá ser o objecto de um projecto educativo geral e permanente nas nossas unidades escutistas, o respeito pelas diferenças individuais deverá ser considerado como um princípio fundamental.

Sem querer fazer um juízo muito severo sobre o sistema escolar, sabemos que este é frequentemente acusado de impor o mesmo modelo a todas as crianças sem ter em consideração a diversidade dos talentos naturais. As crianças que não se enquadram nestes modelos encontram-se frequentemente excluídos e vêem o seu desenvolvimento pessoal comprometido e as suas oportunidades de progresso limitadas.

"A educação pode ser um factor de coesão se ela se esforçar por ter em consideração a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos fazendo por evitar ser ela própria um factor de exclusão" ¹⁶.

Uma educação para-escolar, como aquela que é concedida pelo escutismo, deverá favorecer o desenvolvimento de todas as crianças no respeito pelo seu ritmo e *dinamismo* pessoal. O que significa que deverá ser necessário evitar toda a forma de programa estandardizado e velar pela adopção de uma abordagem e de meios atendendo às necessidades e características dos jovens que nos estão confiados.

4. Os quatro pilares da educação

Achámos por bem resumir aqui a orientação proposta à Unesco ¹⁷ pela *Comissão internacional sobre a educação para o século vinte e um*, que apresenta os quatro pilares sobre os quais repousam a educação, que são:

- aprender a conhecer (saber),
- aprender a fazer,
- aprender a ser,
- aprender a viver em conjunto.

A Comissão, mesmo reconhecendo a importância dos três primeiros pilares, dá mais importância ao quarto. "Trata-se de aprender a viver em conjunto desenvolvendo o conhecimento dos outros, da sua história, das suas tradições e da sua espiritualidade. É partir daqui, da criação de um espírito novo que, precisamente graças a esta percepção das nossas interdependências crescentes e a uma análise partilhada de riscos e dos desafios do futuro, se passa à realização de projectos comuns ou a uma melhor gestão inteligente e pacífica dos inevitáveis conflitos. Utopia, pensarão, mas uma utopia necessária, utopia vital para sair dum ciclo perigoso alimentado pelo cinismo ou a resignação" ¹⁸.

Aprender a conhecer

Aprender a conhecer consiste em dominar os instrumentos do conhecimento de maneira a compreender o mundo, desenvolver as suas capacidades de comunicar. Isso engloba o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

Como a soma dos conhecimentos é cada vez mais numerosa, é inútil querer saber tudo. Uma selecção, em função dos interesses, dos talentos e das necessidades, é inevitável. Todavia, uma cultura geral a mais larga possível permite uma abertura ao mundo e entrar em comunicação com os outros.

Aprender a conhecer supõe aprender a aprender, pelo exercício da atenção, da memória e do pensamento ¹⁹:

- aprender a concentrar a sua atenção sobre as pessoas e sobre as coisas;
- treinar a capacidade de memória associativa, de maneira a fazer as ligações entre os inumeráveis dados disponíveis,
- exercer o seu pensamento dedutivo por um lado, e indutivo por outro.

"A primeira (básica) educação pode ser considerada bem sucedida se der o impulso e as bases que irão permitir continuar a aprender ao longo da vida, no trabalho, ou fora do trabalho".

Aprender a fazer

Aprender a conhecer e aprender a fazer são indissociáveis. Fazer significa participar no fabrico de alguma coisa. Aprender a fazer, é desenvolver as suas competências e a preparar o trabalho futuro.

Para aprender a fazer, é necessário saber adaptar-se aos progressos técnicos e tecnológicos, ou seja desenvolver as qualificações necessárias para efectuar as tarefas de produção mais intelectuais, menos físicas, que as que eram realizadas no passado. Os grupos de projecto substituirão as tarefas programadas e parcializadas. As competências estritamente técnicas não são suficientes. Os padrões procuram indivíduos que tenham as atitudes apropriadas, um saber ser que está intimamente ligado ao saber-fazer:

- a capacidade de comunicar,
- a capacidade de trabalhar com os outros,
- a capacidade de resolver os problemas,
- a iniciativa,
- o empenhamento pessoal.

Os jovens devem-se preparar para enfrentar um mundo do trabalho em plena mutação aonde as máquinas se tornaram mais *inteligentes* à medida que o trabalho se desmaterializa. A "desmaterialização" do trabalho toca toda uma categoria de actividades que agrupamos habitualmente sob a rubrica dos "serviços". Essas actividades não são nem industriais nem agrícolas tendo em comum o facto não produzirem um bem material. Os serviços definem-se em função da relação interpessoal que se estabelece entre dois indivíduos. Este tipo de trabalho exige aptidões em comunicação muito desenvolvidas.

"Podemos finalmente imaginar que, nas organizações ultra-tecnológicas do futuro, os défices relacionais poderão criar graves disfunções, apelando para qualificações de um novo tipo com uma base mais comportamental do que intelectual" ²⁰.

Aprender a ser

A educação deve contribuir para o desenvolvimento global de cada indivíduo: físico, afectivo, social e espiritual. A isso a Comissão internacional acrescenta a sensibilidade, o sentido estético, a responsabilidade pessoal, a opinião e a imaginação. "Todo o ser humano deve estar em condições, nomeadamente graças à educação que recebeu na juventude, de constituir um pensamento autónomo e de criar a sua própria opinião, para determinar aquilo que deseja fazer nas diferentes circunstâncias da vida" ²¹.

O desenvolvimento da liberdade de pensamento parece representar uma forma de garantia num mundo aonde a evolução técnica e poder mediático vieram acentuar o medo de um mundo desumanizado. A educação de acordo com o saber ser terá como missão essencial tornar os indivíduos senhores do seu destino.

Para opor-se com sucesso à ameaça de standardização das condutas individuais em benefício de uma colectividade interpessoal, deve dar-se um especial destaque à imaginação e à criatividade, que são as manifestações mais puras da liberdade humana.

Aprender a viver em conjunto

A educação para a paz e para a tolerância é um objectivo essencial se desejamos preparar o futuro. Para obter resultados, que não sejam somente parciais, é necessário abordar a diversidade humana fazendo realçar as semelhanças que nos unem e a interdependência entre todos os seres humanos do planeta.

Ao levar as crianças e os jovens a realizar projectos comuns, eles aprendem a complementaridade, a compreensão mútua e a solidariedade. Os projectos comuns permitem que se conheça melhor os outros, mas também o conhecimento pessoal visto que fazem realçar as qualidades e as competências individuais.

Pelos projectos em comum e a vida do grupo, preparam-se os jovens para gerir os inevitáveis conflitos que poderão aparecer inesperadamente quando os comportamentos estão centrados na competição mais do que na cooperação. Aquilo pode contribuir para desenvolver uma atitude de empatia, ou seja, a capacidade de se colocar "na pele do outro".

Estas aprendizagens, a realização de projectos comuns e a capacidade de gerir os conflitos influenciarão os comportamentos sociais ao longo de toda a vida e reforçarão o julgamento pessoal (capacidade de ter uma opinião pessoal).

"A opinião pública, através dos media, tornou-se um observador incapaz, e mesmo refém, daqueles que criam ou mantêm os conflitos. Até aos nossos dias, a educação pouco ou nada fez para modificar esta situação. Poderemos conceber uma educação que permita evitar os conflitos

ou resolvê-los de maneira pacífica através do desenvolvimento do conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?" 22.

5. A missão do educador escutista

É surpreendente constatar que os quatro pilares da educação, tal como são descritos pela *Comissão internacional para educação para o século vinte um* se encontram quase textualmente no programa escutista. Quem poderá contestar actualmente que o escutismo é um movimento de educação e, que é ainda mais, um movimento cujos princípios estão em harmonia com os grandes desafios do século vinte um?

Escutismo e escola

O escutismo não tem a pretensão de substituir as instituições escolares que têm, elas sim, uma missão primordial a cumprir. O escutismo não saberia dispensar-se das matérias escolares como a leitura, a escrita, as matemáticas, a história... Pelo contrário, os desafios que oferece aos jovens vêm completar a aquisição dos conhecimentos ditos académicos, de maneira a os preparar para exigente mundo de amanhã.

"É neste sentido que é necessário procurar, por exemplo, as sinergias possíveis entre os saberes e os saber-fazer ou entre os saber ser e os saber-viver em conjunto, e por consequência a complementaridade das formas e dos espaços de educação correspondentes. Por outro lado, a oferta de educação, que se desenvolve em abundância fora do sistema formal, responde à procura de diversidade que se exprime em todas as sociedades e permite percursos educativos variados. Uma dinâmica deve desde logo exercer-se entre a instituição escolar ou universitária e estas diferentes "alternativas" educativas: uma dinâmica de complementaridade e com um sistema que associe parceiros sociais ou económicos, mas também um processo de mudança e questionamento das práticas educativas tradicionais. Deste modo, a educação é uma tarefa de todos. Ela diz respeito ao conjunto dos cidadãos, de hoje em diante actores e não mais consumidores passivos de uma educação distribuída pelas instituições" 23.

A pedagogia do educador escutista

A pedagogia do educador, é a sua forma de entrar em relação com os jovens. Ela engloba os seus valores, a sua visão do mundo e os meios que utiliza.

A pedagogia do educador escutista, é a sua de transmitir o ideal e os valores do Movimento na esperança de favorecer o desenvolvimento global da criança (os objectivos educativos do escutismo). Para cumprir esta missão, o educador escutista deve conhecer bem o ideal, os valores e os objectivos do Movimento e, será essencial, a eles aderir. A educação escutista não se improvisa.

Pelas diferentes actividades, o educador escutista deve constantemente ter em mente que prepara os jovens de hoje para se tornarem no futuro, os cidadãos autónomos e responsáveis, empenhados na sua comunidade e felizes. Isso supõe que ele tenha a capacidade melhorar o seu

sentido crítico, de permitir a expressão livre e autónomo e de fomentar o seu desejo de aprender cada vez mais.

A socialização, ou seja a integração dos jovens na sociedade, é nos dias de hoje muito mais complexa que anteriormente. A explosão dos conhecimentos e da difusão da informação, o desenvolvimento das ciências e das tecnologias, a natureza do trabalho transformaram radicalmente a sociedade.

Portanto, longe de ser uma traição, com alguns pretendiam, o escutismo de hoje, se contribui realmente para formar os adultos de amanhã, aproxima-se do *verdadeiro escutismo*, tal como B.-P. o concebeu. E ainda, como foi declarado por Lady Olave Baden-Powell, "*Tiremos os chapéus ao Passado e arregacemos as mangas ao Futuro*"²⁴.

Notas

1. - Enciclopédia Encarta 97, rubricas *História da Educação e Educação Mista*.
2. - J. Ferreira Gomes, *Alguns aspectos actuais da "Didactia Magna" de Coménio*. Coimbra, 1970.
3. - *República*, Livro V.
4. - John Dewey, *Expérience et Éducation*. Paris: A. Colin, 1938, pp. 108-109.
5. - cf. J. Ferreira Gomes, 1977, 1980, 1982, 1984, 1986.
6. - Thorel, B. *Le scoutisme de Baden-Powell, méthode et vie*, p. 15.
7. - Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe-escuta*, citado por Thorel, B. *Le scoutisme de Baden-Powell, méthode et vie*, p. 16.
8. - Nagy, L. *250 milhões de escuteiros*, p. 55.
9. - Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe-escuta*, p. 14.
10. - Nagy, L. *250 milhões de escuteiros*, pp. 55-56.
11. - Nagy, L. *250 milhões de escuteiros*, p. 59.
12. - Nagy, L. *250 milhões de escuteiros*, p. 173.
13. - Scouts de France, *Baden-Powell Hoje*, p. 13.
14. - Scouts de France, *Baden-Powell Hoje*, p. 13.
15. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 48.
16. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 55.
17. - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.
18. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 18.
19. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 95.
20. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 98.
21. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 102.
22. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, p. 99.
23. - Delors, J. *L'éducation - un trésor est caché dedans*, pp. 120-121.
24. - Nagy, L. *250 milhões de escuteiros*, p. 173.

Pedagogia

1. Ler sobre os seguintes assuntos:

- a pedagogia,
- a educação,
- escutismo.

2. Reflectir sobre os objectivos e meios educativos do método escutista.

Fontes de Informação

Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe-Escuta*, Edições Flor de Lis, 1ª edição.

Carlos Alberto Pereira, *O Movimento Escutista e a Escola Nova*, revista "Flor de Lis", Lisboa, Fevereiro de 1995, páginas 6 a 8.

Delors, Jacques, *L'éducation, un trésor est caché dedans*, Rapport à l'UNESCO de la Commission internationale sur l'éducation pour le vingt e unième siècle, Éditions Odile Jacob, 1996. Tradução para português com o título *Educação, um Tesouro a descobrir*, Porto, ASA, 1996.

J. Ferreira Gomes, *Alguns aspectos actuais da "Didactia Magna" de Coménio*. Coimbra, 1970.

Nagy, Laszlo, *250 milhões de escoteiros*, União dos Escoteiros do Brasil, 1987. ISBN 0-85013-153-7.

Organisation mondiale du Mouvement scout, *Éducation à la paix et à la compréhension*, Comité mondial des programmes, Bureau mondial du scoutisme, 1985.

Organização mundial do Movimento escutista, *Princípios fundamentais*, Bureau mundial do escutismo, 1992.

Scouts de France, *Baden-Powell Hoje*, edição do Corpo Nacional de Escutas, Janeiro de 1993.

Thorel, Bernard, *Le scoutisme de Baden-Powell, méthode et vie*, Spes, 1935.

Avaliação da Formação

Responde às seguintes questões (questões de desenvolvimento):

1. Evoca as grandes linhas da história da educação.
2. Nomeia e descreve os quatro pilares da educação segundo a *Comissão internacional sobre a educação para o século vinte e um*.
3. Explica como o escutismo pode contribuir para a educação dos jovens de hoje.